

BOLETIM

Edição nº 6 • JUNHO/2015

COLETIVO

"PROF. FERNANDO SCHUELLER"

LGBT



SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
Filial à **CNE** e **CUT**



Maria Izabel Azevedo Noronha
presidenta da APEOESP

Editorial

Em abril deste ano, uma notícia nos chocou a todos. A travesti Verônica Bolina (nome social) foi presa pela Polícia Militar. Imagens da travesti seminua e com o rosto totalmente desfigurado foram veiculadas por redes sociais de policiais. As primeiras notícias deram conta de que Verônica, presa no 2º Distrito Policial de São Paulo, fora espancada por companheiros de cela. A verdade, contudo, veio à tona depois da investigação dos promotores do Grupo Especial de Controle Externo da Atividade Policial. Verônica fora espancada por policiais até ficar desfigurada. Somente depois de ser cobrado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, o governador Geraldo Alckmin determinou à Corregedoria da Polícia Civil investigar o caso.

O caso de Verônica não é isolado. Ao contrário, é mais um a se somar às estatísticas da violência contra a comunidade LGBT. Violência gerada pelo preconceito – a mãe de todos os ódios.

Desde o fim da ditadura militar, no início da década de 1980, o Brasil vem consolidando a democracia, com a ampliação de direitos às minorias. No entanto temos assistido inúmeras tentativas de retrocesso dos avanços sociais e ataque às leis que combatem o preconceito. Com o fortalecimento da chamada bancada “BBB” – bala, boi e bíblia – tramitam na Câmara dos Deputados alguns projetos de lei que ferem direitos das minorias, como o PL 7382/2010, que criminaliza a heterofobia, e o PL 1672/2011, que institui o Dia do Orgulho Heterossexual. Dentre outros projetos com o mesmo espírito, está o Estatuto da Família, que quer definir essa instituição como a união entre um homem e uma mulher.

Nós, da APEOESP, entendemos que o respeito à diversidade deve ser uma atitude cotidiana. E é neste sentido que entendemos que a escola, por ser um espaço de convivência com a diversidade, se constitui também num espaço privilegiado para a discussão de questões referentes aos direitos humanos e sensibilização dos estudantes quanto a seus direitos fundamentais. A garantia dos direitos humanos supõe a inclusão de todos, respeitando as diferenças – sejam elas de gênero, de diversidade sexual, de cor – para que busquemos a equidade de oportunidades e a dignidade da pessoa.

Há anos nós, da APEOESP, vimos aprofundando nossa participação das lutas que garantam os direitos às comunidades LGBT e também aos demais grupos que sofrem preconceito.

É com este espírito que preparamos esta boletim, com a certeza de estarmos cumprindo nosso papel de atores ativos na construção de um mundo sem preconceitos e de uma sociedade mais justa. Boa leitura.

Travestis e transexuais têm direito do uso do “nome social” nas escolas



O Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de LGBT publicou no dia 16 de janeiro, no “Diário Oficial da União”, a Resolução nº 12, que estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais nos sistemas e instituições de ensino.

A Resolução formula orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Com a medida, deve ser garantida, àqueles e àqueles que o solicitarem, o direito ao tratamento oral exclusivamente pelo nome social, em qualquer circunstância, não cabendo qualquer tipo de objeção de consciência.

Além disso, a medida também determina que o campo “nome social” deva ser inserido nos formulários e sistemas de informação utilizados nos procedimentos de seleção, inscrição, matrícula, registro de frequência, avaliação e similares. Estas medidas aplicam-se também aos processos de acesso às instituições e sistemas de ensino, tais como concursos ou para atividades de ensino regular. Por exemplo, no próximo ENEM (Exame

Nacional do Ensino Médio) a inscrição já poderá ser feita com o “nome social”.

De acordo com o parecer do Conselho Nacional, estudos científicos apontam que ao longo de sua trajetória escolar, as pessoas travestis e transexuais enfrentam processos de discriminação e de exclusão. “A experiência educacional destes sujeitos é descrita em diferentes estudos como atravessada por várias formas de violência física e simbólica que acontecem dentro do espaço escolar, perpetradas não só por estudantes, como também por gestores e profissionais da educação”, diz o parecer. Na cidade de São Paulo, por exemplo, uma pesquisa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania apontou que 61% dos travestis e transexuais não têm o ensino médio.

O principal objetivo do Conselho com esta medida é garantir que seja possível efetivar o direito à educação de pessoas travestis e transexuais. Para tanto, é preciso reconhecer institucionalmente sua identidade de gênero, repensar práticas pedagógicas sexistas e promover uma cultura de não-violência e reconhecimento dos direitos humanos nas escolas.

Gênero e sexualidade na perspectiva da diversidade sexual

Para entender a diversidade sexual, é preciso, antes de mais nada, aprofundar o conceito de **sexualidade**, já que, como qualquer outro aspecto da vida dos seres humanos, ela não é um fenômeno meramente fisiológico, mas fortemente marcada pelas relações sociais. Para a compreensão do funcionamento da atividade sexual humana, devemos inseri-la em seu contexto social, histórico e cultural.

A primeira ideia que nos vem à cabeça quando falamos de sexualidade é a de que se trata de algo "natural", inato. Tendemos a pensar que homens e mulheres, por serem dotados de um corpo sexuado, identificável por meio dos órgãos genitais externos, são regidos única e exclusivamente pelas leis da biologia. Entretanto, ao observarmos as manifestações do comportamento sexual, percebemos que se diferenciam de uma sociedade para outra. Isso evidencia que as culturas encaram e constroem a sexualidade de modos diversos. E, dentro de uma mesma cultura, há profundas alterações ao longo do tempo, dependendo do lugar onde se vive. Para confirmar esse fato, basta olharmos para nossos pais, mães e avós. Boa parte do que foi adotado como padrão na época em que eram adolescentes ou jovens deixou de ser praticado no momento seguinte.

O estudo da sexualidade demonstra que, ao redor dos nossos corpos, estão os modos como percebemos, sentimos, definimos, entendemos e, acima de tudo, praticamos os afetos e o sexo propriamente dito. Isso significa dizer que a sexualidade humana vai muito além dos fatores meramente físicos, pois é transpassada por concepções, valores e regras sociais que determinam, em cada sociedade, em cada grupo social e em cada momento da história aquilo que é tido como certo ou errado, apropriado ou impróprio, digno ou indecente.

Nesse emaranhado de relações sociais – que variam ao longo do tempo e não são necessariamente as mesmas em cada coletividade humana – são produzidos e reproduzidos os padrões e as condutas ligados não apenas a sexualidade, mas também ao lugar que cada um(a) de nós ocupa na sociedade.

Na grande maioria das sociedades, constata-se uma enorme desigualdade na divisão dos atributos entre homens e mulheres. Esse desnível fica evidente na família, na escola, na religião, na política, nas artes e nos espaços públicos em geral.

Fica claro que existem fronteiras – mentais práticas – que separam as tarefas e as atitudes tidas como apropriadas, válidas e legítimas para o sexo masculino e para o sexo feminino. A desigualdade se expressa numa hierarquia de concepções e atitudes diante das atividades e



desejos humanos – que assim são depreciados ou valorizados, recebendo significados positivos ou negativos. Um homem que tem experiências sexuais com várias mulheres costuma ser valorizado socialmente. Já a mulher que tome a liberdade de se relacionar com diversos homens recebe uma sanção social negativa. Em seu conjunto, o resultado dessas concepções e atitudes é a concentração de mais poder nas mãos de um grupo em detrimento de outro.

Por **gênero**, entendemos a construção histórica, cultural e política das diversas possibilidades de ser feminino(a) e/ou masculino(a). Ultrapassa, portanto, o "ser macho" ou ser "fêmea", originando diferentes papéis e funções sociais, cuja consequência é a distribuição desigual do poder e das oportunidades, a partir do que é definido social e culturalmente como sendo "coisa de homem" e "coisa de mulher".

Gênero e sexualidade são dois aspectos – intimamente relacionados – de um processo mais amplo, por meio do qual se realiza o controle social e a manutenção da ordem. Ele ocorre, principalmente, por meio de mecanismos duplos e ambíguos, que são exercidos toda vez que uma pessoa transgredir as normas e os padrões socialmente estabelecidos para cada um dos sexos. Por um lado, há o uso da violência – não só física, mas também psíquica; não apenas individual, mas também institucional. Por outro lado, pela indução ao prazer, que faz aquele que age ou deseje de forma diferente sentir "um estranho no ninho".

Esse controle é eficaz porque, primordialmente, ele vincula uma visão que mostra os dois sexos como polos opostos e separados, que jamais podem ser confundidos e que estão em contradição. Estar de um lado implica necessariamente não estar do outro. Assim,

ser homem define-se antes e acima de tudo como aquele que não é mulher, alguém que nem sequer remotamente possa ser visto realizando condutas ou assumindo papéis e funções que são atribuídos ao universo feminino, tido como o contrário do masculino. O mesmo vale para a mulher. A consequência inevitável disso é que, divididos em dois "times", perdemos a capacidade de perceber e apreciar aquilo que, dentro e fora de nós, é simplesmente humano. E, mais do que isso, deixamos de realizar muitas coisas que nos dariam prazer, que nos realizariam como pessoa, simplesmente porque são considerados do sexo oposto. Ou seja, com o preconceito, todas e todos saem perdendo.

Diversidade Sexual

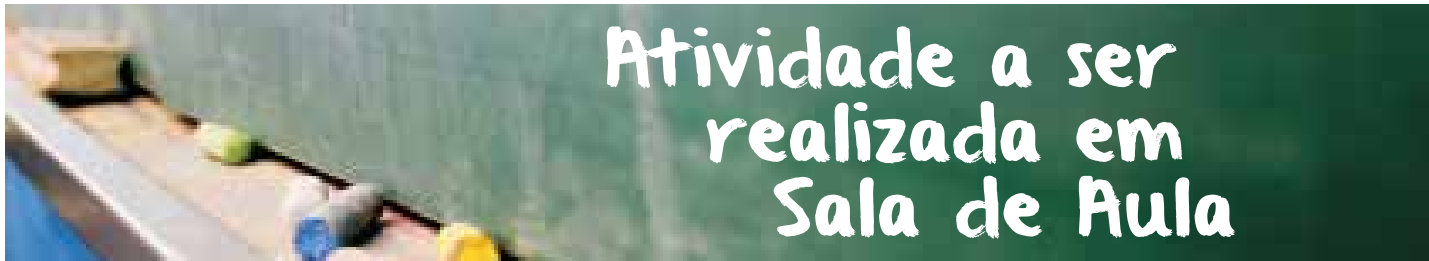
Para trabalhar de forma mais didática, vamos explicar a diversidade sexual a partir de três eixos fundamentais, mas lembrando sempre que, em nossas vidas, esses fatores interagem de maneira dinâmica. São eles: o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual.

O **sexo biológico** é constituído pelas características fenotípicas (órgãos genitais externos, órgãos reprodutores internos, mamas, barba) e genotípicas (genes masculinos e genes femininos) presente em nosso corpo. À semelhança das plantas e animais, pela combinação dos cromossomos X e Y, existem somente dois sexos: XY produz um ser chamado de macho e XX um ser chamado de fêmea. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo a natureza não funciona com uma separação rígida, pois há pessoas que nascem com dois órgãos genitais, conhecidos como intersexuais ou hermafroditas.

A **identidade de gênero** refere-se a

algo que não é dado e sim construído por cada indivíduo a partir dos elementos fornecidos por sua cultura: o fato de alguém se sentir masculino e/ou feminino. Isso quer dizer que não há um elo imediato e inescapável entre os cromossomos, o órgão genital, o aparelho reprodutor, os hormônios, enfim o corpo biológico em sua totalidade, e o sentimento que a pessoa possui de ser homem ou mulher. Numa definição sociológica, poderíamos dizer que a identidade é um conjunto de fatores que forma um complexo "jogo do eu", em que entram em cena a interioridade (como a pessoa se vê e se comporta) e a exterioridade (como ela é vista e tratada pelos demais). Nesse sentido, podemos dizer que ninguém "nasce homem ou mulher", mas que nos tornamos o que somos ao longo da vida, em razão da constante interação com o meio social. Enfatizamos aqui o termo "e/ou" no tocante às masculinidades e feminilidades: em primeiro lugar porque há pessoas que nasceram com pênis e se sentem femininas, e vice-versa; em segundo lugar, porque se refletimos melhor veremos que cada um(a) de nós traz em si os dois elementos. Mas, no fundo, o que se considera masculino ou feminino é resultado de convenções sociais.

A **orientação sexual**, aqui entendida como a seta ou direção para onde aponta o desejo erótico de cada pessoa, pode ser **homossexual**, quando se deseja alguém do mesmo sexo, **bissexual**, quando se deseja ambos os sexos, o **heterossexual**, quando o objeto do desejo é do outro sexo. A orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia. É, portanto, um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida. A literatura científica costuma afirmar que são múltiplos os aspectos – psicológicos, sociais, culturais e até alguma participação de fatores genéticos – que intervêm na formação da orientação sexual. O mais importante é que a encaremos como uma manifestação íntima da pessoa, e que precisa ser respeitada como um direito inalienável: toda pessoa pode se relacionar com qualquer outra, erótica e afetivamente, livre de qualquer constrangimento, com autonomia para reconhecer e exercer os próprios desejos em liberdade e dignidade. Vale, por fim, lembrar que a orientação sexual nada coincide com a identidade de gênero: alguém pode sentir-se feminina e desejar outra mulher, portar-se de maneira masculina e ter atração por outros homens e assim por diante.



É ou não é

Objetivos – Debater preconceitos associados à questão da orientação sexual de modo a problematizá-los.

Materiais necessários – Cópia para todos do poema Minhas Mãos; papel sulfite ou cartolina; canetas de ponta grossa e aparelho de som e Cds.

Questões a serem respondidas:

- Por que se diz que os(as) heterossexuais são normais e as demais orientações e manifestações da sexualidade são desvios de caráter ou pouca vergonha? O que você acha disso?
 - Quem define a “normalidade”? Baseado em que critérios?
- Tempo:** 2 horas

Integração

- Distribua o poema Minhas Mãos, de Elisabete Navet, a todos(as) os(as) participantes.
- Peça que alguém leia e que as demais pessoas acompanhem a leitura.
- Informe que essa poesia fala sobre o amor entre duas mulheres e pergunte o que isso muda na maneira como interpretam os versos.

Minhas Mãos

(...)

Ah! Minha amada!...

Estas mãos sempre te pertenceram
De forma absoluta e plena,
Como se fosse o amor incondicional
De duas fêmeas que se desejam!

- Encerre contando que, no Brasil, existem várias organizações de mulheres lésbicas e que, muitas vezes, têm uma proximidade muito grande com o movimento feminista na luta pela igualdade de gênero e pelo fim da violência contra as mulheres.

Atividade

- Pegue três folhas de papel sulfite ou cartolina. Na primeira folha, escreva a palavra “CONCORDO”; na segunda, “DISCORDO”; e na terceira, a expressão “TENHO DÚVIDAS”.
- Afixe as três folhas nas paredes, bem separadas.
- Peça que os(as) participantes se levantem e diga-lhes que você vai ler uma afirmação relacionada à questão da diversidade sexual.
- Explique que, depois de ler a afirmação, eles(as) deverão se dirigir a um dos lugares da sala em que estão afixados os cartazes, ou seja, quem concordar deve-se locomover até o cartaz escrito CONCORDO e assim por diante. Afirmações:

I - Uma pessoa pode escolher se quer ser

homossexual, bissexual ou heterossexual.

- 2 - A maior parte das mulheres que se tornam lésbicas é porque foram abusadas por um homem na infância.
- 3 - Um menino que foi criado por um pai homossexual tem mais chance de se tornar gay ou travesti.
- 4 - Um gay que queira se curar de sua homossexualidade deve procurar um psicólogo ou um líder religioso.
- 5 - Travesti é o homem que se traveste de mulher apenas para ganhar dinheiro, se prostituindo.
- 6 - Transexual é aquela pessoa que nasceu com um determinado sexo, mas que pertence ao outro.

■ Quando todos(as) estiverem posicionadas junto ao cartaz ao qual se dirigiram, peça-lhes que justifiquem sua posição. Estimule os três grupos a falar o porquê de ter escolhido aquela posição.

- Após a breve discussão, leia uma nova afirmação e repita o procedimento até terminar as frases.
- Para encerrar, peça que voltem a seus lugares e aprofunde a discussão a partir das questões a serem respondidas.

Conclusões

- Existem três tipos de orientação sexual: a hetero, a homo e a bissexual. Uma pessoa heterossexual sente desejo por pessoas de outro sexo. A homossexual (lésbicas e gays) inclina-se por pessoa(s) do mesmo sexo. Os e as bissexuais sentem atração por pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino.
- Um(a) homossexual não opta por ser assim, assim como o heterossexual não escolhe sua preferência. É uma característica espontânea, resultante de um conjunto de fatores. Sendo assim, não há como um(a) homossexual fazer com que outra pessoa tenha a mesma orientação sexual que ele(a). Só o próprio indivíduo conhece de fato os seus desejos, tendo a opção de vivenciá-los ou negá-los.
- Transexuais e travestis são pessoas cuja expressão de gênero (masculino e/ou feminino) vai muito além do comportamento que se espera delas socialmente em função do sexo biológico. Elas constroem seu corpo a partir de sua identidade de gênero, isto é, a forma como se sentem e se portam como homens e mulheres.
- Travestis são pessoas cuja identidade de gênero não se enquadra em nenhuma referência preestabelecida: masculino ou feminino. A travesti rompe com essa norma por constituir uma identidade que está para além dos gêneros e para além de ser homem ou de ser mulher. A travesti é travesti.

■ Transexuais são pessoas cuja identidade de gênero é oposta ao sexo biológico (de nascimento), com desejo de viver e de serem reconhecidas por essa identidade. Elas podem, também, demonstrar sentimento de inadaptação às características sexuais de seu corpo, inclusive os órgãos genitais, podendo buscar meios de adaptá-los a essa identidade constituída e vivida.

■ Drag queens ou drag kings são pessoas que constroem um(a) personagem do sexo oposto, a partir de uma performance corporal e artística, utilizando roupas e adereços para uma releitura estilizada e humorada dos estereótipos de gênero. Ao fazer isso, podem estar no fundo questionando as hierarquias e desigualdades. Não necessariamente essas são homossexuais.

■ Crossdressers são homens que, independentemente de sua orientação sexual, constroem um personagem feminino, interpretado mais no âmbito doméstico que no público. Diferenciam-se das drags queens ou drag kings porque seus personagens buscam muito mais ilusão de ótica do gênero feminino do que sua leitura estilizada e humorada.

■ Vale reforçar que sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo e superar os limites das normas de gênero não é um erro da natureza: trata-se de diversas formas da construção da identidade, da expressão da sexualidade e da capacidade de amar que todo ser humano possui.

■ A orientação sexual (hetero, homo e bissexual), seja ela feminina ou masculina, e a identidade de gênero, não são doenças nem perturbações mentais. Portanto, é descabida a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de identidade e sexualidade. Fazer isso seria uma enorme violência contra aquilo que cada um(a) tem de mais íntimo e profundo.

Finalização da Atividade

Peça para que todos(as) os(as) participantes fiquem de pé e andem pela sala (descalços) ao som da música e que sigam as seguintes instruções:

- 1 - Andar na ponta dos pés
- 2 - Andar apoiando o corpo no calcanhar
- 3 - Andar na chuva
- 4 - Andar em uma superfície quente
- 5 - Andar passando por uma porta estreita
- 6 - Andar em câmera lenta
- 7 - Andar de marcha a ré
- 8 - Dar um abraço coletivo

■ Peça para que todos(as) digam, em uma palavra, o que acharam da atividade. Registre-as no quadro.

Sugestões de filmes a serem trabalhados em sala de aula

O Segredo de Brokeback Mountain

Direção: Ang Lee

Conta a história de Ennis del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal), dois jovens vaqueiros que se conhecem e se apaixonam em 1963, enquanto trabalham juntos em um serviço de pastoreamento de ovelhas na fictícia montanha de Brokeback, no Wyoming. O filme documenta o complexo relacionamento emocional, sexual e romântico que eles têm durante vinte anos.

Philadelphia

Direção: Jonathan Demme

Andrew Beckett é um advogado famoso que, contratado por uma importante firma de advocacia, tenta fugir do preconceito não mencionando a verdade sobre sua sexualidade e seu estado de saúde. Quando adoece e começa a apresentar-se magro e com os primeiros sintomas da aids é despedido da firma por seus chefes, que se revelam altamente preconceituosos. Lutando por justiça, contrata outro advogado para defendê-lo e que se mostra secretamente um homofóbico. O filme apresenta com muita sensibilidade o terrível efeito social da aids, suas origens e a dor que provoca, bem como a questão do preconceito contra homossexuais ou portadores do vírus HIV, e a relação mútua e confusa do preconceito perante essas duas questões na sociedade americana da época.

Uma estranha atração

Direção: Paul Bogart

Este filme mostra um relacionamento entre um travesti e um heterossexual, e as reações deste último ao descobrir que não só se sentiu atraído por um travesti como ainda desejava se envolver mais.

Tomates verdes fritos

Direção: Jon Avnet

Evelyn é uma dona de casa muito reprimida, que habitualmente afoga suas mágoas comendo doces. Toda semana ela e seu marido, Ed, vão visitar uma tia em um hospital. Enquanto Evelyn espera que Ed termine sua visita, conhece Ninny Threadgoode, uma gentil senhora de 83 anos que ama contar histórias. Semana após semana, Ninny relata histórias centradas em duas jovens, Idgie e Ruth, que são hostilizadas pelas pessoas da cidade onde vivem por fugirem aos padrões convencionais.

Prefeitura de São Paulo **lança** programa Transcidadania

Prefeitura de São Paulo



A prefeitura de São Paulo lançou o programa Transcidadania, que prevê a qualificação profissional de travestis.

No Dia Nacional da Visibilidade Trans – 29 de janeiro – o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, lançou o programa Transcidadania, que tem por objetivo fortalecer as atividades de colocação profissional, reintegração social e resgate da cidadania à população LGBT em situação de vulnerabilidade, atendidas pela Coordenadoria da Diversidade Sexual (CADS).

A ação prevê uma bolsa auxílio de R\$ 840,00 a travestis e transexuais que desejam estudar. O benefício será concedido para que

os travestis e transexuais possam se qualificar pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Durante o lançamento do programa, o prefeito ressaltou que “vamos colocar São Paulo na vanguarda e colocar essas pessoas no caminho certo, dando respeito, educação e trabalho”.

A coordenação do programa é da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. O investimento para 2015 e 2016 é de R\$ 3 milhões.

De acordo com dados da própria Secre-

taria de Direitos Humanos, na cidade de São Paulo 61% dos travestis ou transexuais não possuem o ensino médio, enquanto 50% não têm moradia adequada e que 80% não têm qualquer tipo de renda.

Nesta primeira fase, o programa dá prioridade a pessoas em situação de rua, que não tenham concluído o ensino médio ou com ensino fundamental incompleto. Também estão envolvidas no projeto as secretarias da Saúde, Educação, Trabalho, Mulheres e Assistência e Desenvolvimento Social.

Polícia espanca travesti em São Paulo

Dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica, realizados em 2012, apontaram que o número de denúncias de violência contra a comunidade LGBT cresceu, em apenas um ano, 166%. A pesquisa foi divulgada em 2013 pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência. Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, segundo relatório da ONG internacional Transgender Europe, o Brasil teve 486 mortes de transexuais.

O caso mais recente de agressão foi a da travesti Verônica Bolina. Presa no 2º Distrito Policial de São Paulo, Verônica foi espancada e

ficou com o rosto desfigurado. O caso ganhou notoriedade depois de fotos da travesti terem sido divulgadas em redes sociais de policiais, que a mostravam seminua e com o rosto todo inchado.

As primeiras notícias deram conta que ela fora espancada por presos de sua cela. Verônica teria inclusive gravado um depoimento confirmando o caso. Ao Ministério Público, contudo, Verônica disse que mentiu durante o depoimento que gravou em que afirma não ter sido torturada pela polícia, orientada pelo delegado do DP, em troca de uma redução da pena.

O caso só foi esclarecido pelos promotores do Grupo Especial de Controle Externo da Atividade Policial (Gecep). Os promotores confirmaram que Verônica gravava o áudio porque prometaram auxiliá-la como uma diminuição da pena.

Somente depois que a Comissão dos Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados ter cobrado do governador Geraldo Alckmin (PSDB) informações sobre as agressões praticadas por policiais contra Verônica, a Corregedoria da Polícia Civil abriu inquérito para investigar o caso.

Cidade ganha Centro de Cidadania

Em março, a prefeitura inaugurou o Centro de Cidadania LGBT, no bairro do Arouche. O novo Centro de Cidadania substitui o atendimento que era oferecido pelo antigo Centro de Combate à Homofobia, que funcionava no Pátio do Colégio. Com o novo centro, a prefeitura deverá reestruturar e ampliar a rede de proteção social à população LGBT.

O Centro foi desenvolvido pela Coordenação de Políticas para LGBT da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

De acordo com informações da Prefeitura, o projeto terá atuação em dois eixos: na defesa dos direitos humanos, atendendo às vítimas de violência e homofobia e na promoção da cidadania LGBT.



Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Sílvio de Souza
Secretário Adjunto de Comunicação

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Ezio Expedito Ferreira Lima
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes
Roberto Guido
Sílvio de Souza
Leandro Alves Oliveira
Fábio Santos Silva
Rita de Cássia Cardoso
Ezio Expedito F. Lima
Luiz Gonzaga José
Maria Sufaneide Rodrigues
Francisco de Assis Ferreira
Zenaide Honório

Produção:
Secretaria de Comunicações da APEOESP